

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O direito à igualdade como o direito à felicidade [The right to equality and the right to happiness]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-05 06:36:52
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158488

O direito à igualdade como o direito à felicidade

Roberto Romano traça um perfil sobre os conceitos de igualdade no ocidente e debate os desafios a esta questão a partir da filosofia política

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

A dificuldade de se estabelecer a definição clássica do conceito de igualdade exige que pensemos o termo a partir de um paradigma genealógico. “Com os tempos, a noção variou muito, de acordo com a hegemonia social, política, econômica, filosófica e mesmo teológica que balizaram a formulação do problema. Dar uma definição com base na experiência democrática grega, por exemplo, com o termo ‘isonomia’, é esquecer que o regime democrático de Atenas, o mais liberal se comparado ao de Esparta, tem como base a desigualdade na ordem econômica e política. Só eram iguais os homens, os de nascimento grego comprovado pela genealogia, os proprietários e os ainda não desonrados pela lei da ‘atimia’, uma das piores práticas jurídicas e políticas definidoras da humanidade. Falar da igualdade a partir de Platão e Aristóteles, então, é mais do que problemático. Basta recordar o etnocentrismo que norteia suas concepções do ser humano”, explica o professor Roberto Romano, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

De acordo com Romano, o movimento filosófico que mais contribuiu para a noção moderna de igualdade encontra-se nas Luzes do século XVII. “A corrente de pensamento que mais obstáculos apresentou às teses igualitárias é o romantismo, sobretudo na sua vertente conservadora liderada por Edmund Burke, Novalis, os

irmãos Schlegel e outros”, aponta. “O aristocracismo romântico nega a igualização em todos os sentidos, sobretudo na política”, complementa. Para o professor, até mesmo as teses neoliberais fracassaram no sentido de alcançar um convívio com maior justiça social. “O neoliberalismo julga ser possível a liberdade sem os seus correlatos. E o resultado é a catástrofe vivida pela humanidade em nossos tempos. Acrescento outro elemento, muito defendido pelas Luzes e na Revolução Francesa e também norte-americana: o direito à felicidade. Num mundo desgraçado onde reina o frio lucro e onde o genocídio é constante, parece tolice defender o direito à felicidade. Se escutarmos Spinoza, o mundo político onde reina a infelicidade, longe de ser uma Civitas, é um hospício de loucos”, destaca.

Roberto Romano cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, França, e é professor de Filosofia na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Escreveu, entre outros, os livros *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (São Paulo: Ed. UNESP, 1997) e *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: SENAC, 2002), *O desafio do Islã e outros desafios* (São Paulo: Perspectiva, 2004) e *Os nomes do ódio* (São Paulo: Perspectiva, 2009).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a definição clássica de igualdade na filosofia política moderna? Quais são suas principais ambiguidades e complexidades?

Roberto Romano – Uma definição clássica, eu diria, é quase impossível de ser indicada isoladamente, porque a igualdade é conceito que, já ao nascer, implica em múltiplas e complexas dificuldades. Prefiro partir, algo arbitrariamente, da mensagem evangélica, a Boa Nova de Jesus. Ao

criticar o farisaísmo, ele mostrou que as diferenças externas do culto, o rigorismo moral, as precedências, não evidenciariam a verdadeira essência das pessoas no trato com Deus. Episódios como o da pecadora prestes a ser apedrejada (João 8, 3-11) mostram uma igualdade de todos perante o mal e algo, da parte do Cristo, que os gregos denominam *epikeia*, a justiça efetiva. Para estabelecer a igualdade de todos no bem, a tarefa é mais difícil, acon-

selhando o mesmo Jesus um segredo rigoroso quando atos bons forem praticados. Mesmo o gesto da mulher que unge seus pés com perfume (Lucas: 7, 36-50), criticado pelos fariseus, mostra uma dimensão importante, o da beleza sem débitos nem créditos, sem propriedade, sem cálculos de igualdade ou desigualdade. Temos aí os primórdios das fórmulas posteriores sobre a graça, o pecado, a redenção. Lembremos a parábola do filho

pródigo (Lucas: 15, 11-32). Na lógica do herdeiro “correto”, a medida das recompensas e penas deveria ser única. Cristo ensina que, além do aspecto quantitativo, vigora a misericórdia, o amor gratuito paterno e fraternal.

A comunidade nascente do cristianismo segue vigorosamente os ensinamentos do Mestre, mas se adapta ao mundo que envolve o minúsculo coletivo. Paulo¹, que traz universalidade à vida cristã, contra a tendência judaizante liderada por Pedro², de certo modo molda a doutrina, em seus aspectos sociais, à prática grega e latina da ordem social e do direito. Com o helenismo, ocorre a junção do pensamento aristotélico³

ao platônico⁴, com várias correntes dos Padres. Estoicismo, neoplatonismo, são formas de pensar o mundo humano que estabelecem escalas diferenciais de ordem cósmica e social entre os homens. No caso estoico, o Logos a tudo produz segundo a ordem racional. Loucos os indivíduos que desobedecem tal ordem, sendo inferiores aos sábios. Já na vertente neoplatônica, têm muita importância nas inovações cristãs as doutrinas recolhidas sob o nome de Dionísio⁵, o Pseudo-Areopagita. Tanto na Hierarquia celeste quanto na Hierarquia eclesiástica se estabelece uma escala de perfeição cósmica e social. Quanto mais próximo o ente da luz divina, mais perfeito e superior aos demais. No máximo da escala estariam os anjos, arcanjos, potestades. Abaixo deles, os clérigos e os governantes. No mais baixo da escala, os leigos. Seria um pecado um indivíduo recusar o seu lugar na escala fixa, dada para toda a eternidade. Dionísio está presente nos grandes padres medievais como Tomás de Aquino⁶. O exame

das citações do Pseudo-Areopagita nos textos tomistas comprova o seu peso nas Summas e demais escritos do Doutor Angélico.

Esse edifício teológico-político subsiste até a demolição dos escritos de Dionísio por Lorenzo Valla⁷. No caso, haveria uma “fraude piedosa” tão grave quanto a Doação de Constantino⁸, também evidenciada por Valla.

Erasmus⁹ e Lutero¹⁰, modernos pensadores cristãos, levam adiante a filologia e a hermenêutica de Valla. Erasmo recua em pontos de disciplina eclesiástica, mas Lutero conduz ao máximo a subversão da hierarquia eclesiástica e radicaliza a tese do sacerdócio comum dos fiéis, funda uma nova maneira de ser na Igreja com

Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

7 Lorenzo Valla (1407-1457): foi um escritor, humanista, retórico e educador italiano. Célebre por sua aplicação dos novos padrões humanistas de crítica a documentos usados pelo Papado em apoio de seu poder temporal. Em 1440 publicou o seu panfleto contra a Doação de Constantino, que provou efetivamente que o famoso documento, pelo qual a autoridade imperial romana teria sido transmitida ao Papado, era espúrio. (Nota da IHU On-Line)

8 Doação de Constantino (*Constitutum Donati Constantini* ou *Constitutum domini Constantini imperatoris*, em latim): foi um documento apresentado na Idade Média como um édito imperial romano. Sua validade foi questionada por motivos históricos. A legitimidade do domínio da Igreja Católica sobre os territórios ainda é aceita historicamente, embora esse domínio fosse devido a outras razões. A própria Igreja Católica considera o documento sem validade. (Nota da IHU On-Line)

9 Erasmo de Rotterdam (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

10 Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da IHU On-Line)

1 Paulo de Tarso (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>; edição 32 dos Cadernos IHU em formação, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>; edição 55 dos Cadernos Teologia Pública, *São Paulo contra as mulheres? - Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da IHU On-Line)

2 São Pedro ou São Pedro Apóstolo (século I a.C. - Roma, cerca de 67 d.C.): foi um dos 12 apóstolos de Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento. A igreja católica considera Pedro como o primeiro Bispo de Roma, sendo por isso o primeiro Papa (Nota da IHU On-Line)

3 Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídia, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética,

política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

4 Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em . (Nota da IHU On-Line)

5 Pseudo-Dionísio [Dionísio o Areopagita]: nome dado ao autor de uma série de escritos que exerceram grande influência sobre o pensamento medieval. Acreditou-se por muito tempo que o autor desses escritos foi discípulo de São Paulo. Hoje se considera que as obras de referência foram redigidas no final do século IV ou começos do V sob a influência neoplatônica e especialmente a base de fragmentos de Proclo. Por tal motivo costuma-se chamar a seu autor o Pseudo-Dionísio, e às vezes Dionísio, o místico. (Nota da IHU On-Line)

6 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica.

princípio da igualdade de todos perante Deus, sem a mediação das autoridades visíveis. Tal princípio igualizaria a todos no plano espiritual, ou seja, no invisível, lugar da consciência.

Thomas Münzer¹¹ e seus apoiadores tentam conduzir a revolução luterana, a igualização espiritual, aos planos sociais e políticos. Lutero nega semelhante democratização do mando secular. Ele apoia a repressão feroz contra os revoltosos. Com setores calvinistas radicalizados, a referida passagem se estabeleceu em momentos críticos do Estado absolutista, como é o caso dos monarcômacos franceses e os “niveladores” (Levellers) na França e na Inglaterra do século XVII. Mas nenhum desses movimentos retomou a radicalização de Münzer ou dos Diggers¹², movimento periférico mas atuante na Inglaterra que chegou à negação da propriedade privada, etc.

Na Revolução Francesa, a hegemonia maior não reside nos radicais que negam a propriedade privada, a família nos moldes tradicionais, etc. Apenas na Comuna Insurrecional de Paris¹³, em 1792, se esboçam algumas ideias de igualdade econômica. Jacobinos e girondinos mantêm a tese da

igualdade política, mas fundamentada na defesa da propriedade desigual. Com o Termidor¹⁴, se radicalizam as teses que negam mesmo a igualdade jurídica e política. Termidorianos como Boiysy d’Anglas¹⁵ afirmam que o governo sendo matéria séria, os não proprietários irresponsáveis não poderiam aspirar ao comando. No Termidor a Revolução Francesa deixa o campo dos valores igualitários e passa ao plano do interesse econômico como base política. As filosofias do século XVIII, incluindo as de Rousseau¹⁶, as de Diderot¹⁷ e mesmo as de um aristocrata como Voltaire¹⁸, insistiam

14 Termidor: foi uma revolta na Revolução Francesa contra os excessos do Terror. Ela foi desencadeada por uma votação do Comitê de Salvação Pública para executar Robespierre, Saint-Just e vários outros membros da liderança do Terror. Após esta fase iniciou-se o governo dos girondinos e terminou a fase mais radical da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

15 François-Antoine ou Boiysy d’Anglas (1756-1826): letrado e político francês. Filho de um médico protestante Ardèche, Boiysy d’Anglas estudou Direito e se estabeleceu em Paris, onde era um advogado do Parlamento. Ele se tornou conhecido por sua crítica do absolutismo e sua luta em defesa dos protestantes. (Nota da IHU On-Line)

16 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da IHU On-Line, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da IHU On-Line)

17 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l’usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao ceticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

18 Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

na virtude cidadã como garantia do governo não tirânico, doutrina reforçada no período jacobino, sobretudo sob Robespierre¹⁹. Após o Termidor ela foi afastada na teoria e na prática políticas.

Permitam que eu cite um luminoso estudo de Alain Badiou²⁰: “o ponto central é que ao princípio da Virtude se substituiu o princípio do interesse. O termidoriano exemplar (...) é certamente Boiysy d’Anglas. Seu grande texto canônico é o discurso do 5 Messidor ano 3. Citemos: ‘Devemos ser governados pelos melhores (...) ora, com poucas exceções, só encontraremos semelhantes homens entre os que, tendo uma propriedade, são apegados ao país que a contém, às leis que a protegem, à tranquilidade que a conserva’”. A virtude, comenta Badiou, “é uma prescrição subjetiva incondicionada, que não remete para qualquer determinação objetiva. É por este motivo que Boiysy d’Anglas a recusa. Não se exigirá do dirigente que ele seja um político virtuoso, mas que seja um representante governamental dos ‘melhores’. Estes não constituem uma determinação subjetiva. É uma categoria definível condicionada absolutamente pela propriedade.

As três razões evocadas por Boiysy d’Anglas para entregar o Estado aos ‘melhores’ são essenciais e tiveram grande futuro:

- Para um termidoriano, o país não é, como para o patriota jacobino, o lugar possível das virtudes republicanas. Ele é o que contém uma propriedade. O país é uma objetividade econômica.
- Para um termidoriano, a lei não é como para o jacobino, a máxima derivada do nexa entre princípios e situação. Ela é o que protege, e singularmente o que protege a propriedade. Assim, sua universalidade

19 Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794): advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

20 Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l’universalisme* (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diversas línguas. (Nota da IHU On-Line)

de é totalmente secundária. Conta a função.

- Para um termidoriano, a insurreição não poderia ser, como o é para o jacobino quando a universalidade dos princípios é pisoteada, o mais sagrado dos deveres. Pois a reivindicação principal e legítima do proprietário é a tranquilidade.

Encontramos, assim, o tripé fundamental de uma concepção objetiva do país, de uma concepção conservadora da lei, e de uma concepção securitária das situações. Uma primeira descrição do conceito de termidoriano nele vê a nuvem do objetivismo, do status quo 'natural' e da segurança". (Alain Badiou, "Qu'est-ce qu'un thermidorien?" in Kintzler, Catherine et Rizk, Hadi: La république et la terre. Paris, Kimé, 1995, pp. 56-57).

No século XIX, as insurreições liberais e socialistas, a partir de 1848, aproximam a igualização política e jurídica e as bases de uma sociedade economicamente igualitária. As propostas de Saint-Simon²¹, por exemplo, seguem rumo à propriedade em parâmetros diferentes dos estabelecidos pela tradição. Com os anarquistas e comunistas, as bases mesmas da propriedade privada, vistas como a origem de todas as desigualdades, serão questionadas. A Comuna de 1870²² radicaliza tais propostas, mas o Estado francês, unido ao exército de Bismarck²³, a esmaga. Ela dura 72 dias. No século XX, experiências políticas como a da União das Repúblicas Socialistas

Soviéticas – URSS e das soberanias comunistas seguem a via da coletivização da propriedade, sendo não raro obrigadas a recuar em instantes de crise, como acontece com a Nova Política Econômica (NEP) conduzida por Lenin²⁴.

Essa pequena história, resumida com certo arbítrio por mim, mostra a dificuldade de se enunciar um conceito clássico da igualdade: com os tempos, a noção variou muito, de acordo com a hegemonia social, política, econômica, filosófica e mesmo teológica que balizaram a formulação do problema. Dar uma definição com base na experiência democrática grega, por exemplo, com o termo "isonomia", é esquecer que o regime democrático de Atenas, o mais liberal se comparado ao de Esparta, tem como base a desigualdade na ordem econômica e política. Só eram iguais os homens, os de nascimento grego comprovado pela genealogia, os proprietários e os ainda não desonrados pela lei da "atimia", uma das piores práticas jurídicas e políticas definidoras da humanidade. Falar da igualdade a partir de Platão e Aristóteles, então, é mais do que problemático. Basta recordar o etnocentrismo que norteia suas concepções do ser humano.

IHU On-Line – Quais são os filósofos centrais e suas ideias para esse debate na filosofia?

Roberto Romano – Eu diria que o movimento filosófico que mais contribuiu para a noção moderna de igualdade encontra-se nas Luzes do século XVIII. A corrente de pensamento que mais obstáculos apresentou às teses igualitária é o romantismo, sobretudo na sua vertente conservadora liderada por Edmund Burke²⁵,

Novalis²⁶, os irmãos Schlegel²⁷ e outros. Os autores das Luzes, com suas diversas leituras da igualdade, tendem à abstração geométrica quando determinam o conceito. Os românticos acentuam o aspecto orgânico do cosmos e da sociedade, reinstaurando um ideário mais próximo de Dionísio Pseudo-Areopagita. O aristocratismo romântico nega a igualização em todos os sentidos, sobretudo na política. Como ressaltei em meu livro *Conservadorismo romântico* (São Paulo: Ed. UNESP, 1997), pensadores como Novalis tendem a apresentar um poder paternal do monarca, acima de todos os homens. No mesmo passo, ele apresenta o povo como simples problema pedagógico: o povo seria eterna criança que não terá jamais maturidade para assumir a igualdade face aos dominantes. Não por acaso Novalis apresenta as Reflexões sobre a Revolução Francesa de Edmund Burke, um dos mais virulentos panfletos opostos à ideia e à prática de igualdade, como "um livro revolucionário contra a Revolução".

IHU On-Line – Como podemos compreender o princípio da igualdade e quais são os principais limites

sófica sobre a origem de nossas ideias do Sublime e do Belo), publicado em 1757. O livro atraiu a atenção de autores como Denis Diderot e Immanuel Kant. Iniciou a carreira política em 1761, como primeiro-secretário particular do governador da Irlanda. Em 1765, foi nomeado secretário do primeiro-ministro britânico. Seria depois eleito para a Câmara dos Comuns, onde tornou-se conhecido por suas posições economicamente liberais e politicamente libertárias. Mostrava-se favorável ao atendimento das reivindicações das colônias americanas e à liberdade de comércio, era contra a perseguição aos católicos no Reino Unido e denunciou as injustiças praticadas pelos ingleses na Índia. Criticou os excessos cometidos pela Revolução Francesa na obra *Reflexões sobre a revolução na França*, de 1790 - Burke considerava a revolução um marco da ignorância e da brutalidade, tendo em vista o terror colocado em marcha pelos revolucionários. (Nota da IHU On-Line)

26 Novalis (1772-1801): pseudônimo de Georg Friedrich Philipp Freiherr von Hardenberg, poeta e filósofo alemão. Foi um dos mais importantes representantes do romantismo alemão de finais do século XVIII. (Nota da IHU On-Line)

27 August Wilhelm von Schlegel (1767-1845): crítico, tradutor, filólogo e professor universitário alemão, irmão do também filólogo Friedrich von Schlegel. (Nota da IHU On-Line)

²¹ **Claude Henri de Rouvroy (Conde de Saint-Simon, 1760-1825):** filósofo e economista francês, teórico do socialismo utópico. (Nota da IHU On-Line)

²² **Comuna de Paris:** é um período insurrecional na história de Paris, que durou pouco mais de dois meses, de 18 de março de 1871 até a "Semana Sangrenta" de 21 a 28 maio de 1871. Esta insurreição contra o governo foi uma reação à derrota francesa na guerra franco-prussiana de 1870. (Nota da IHU On-Line)

²³ **Otto von Bismarck (Otto Leopold Eduard von Bismarck-Schönhausen, 1815-1898):** quando primeiro-ministro do reino da Prússia (1862-1890), unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras, tornando-se o primeiro chanceler (1871-1890) do Império Alemão. Tornou-se conhecido como o "Chanceler de Ferro". A política de Bismarck pautou-se pelo nacionalismo e pelo militarismo. As guerras com a Dinamarca e depois com a França asseguraram a unificação da Alemanha em torno de um regime militarista. (Nota da IHU On-Line)

²⁴ **Lênin (Vladimir Ilyitch Lenin, 1870-1924):** originariamente chamado de Vladimir Ilyitch Uliánov. Revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da IHU On-Line)

²⁵ **Edmund Burke (1729-1797):** filósofo, político e advogado irlandês. Escreveu o tratado de estética *A Philosophical Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful* (Investigação filo-

e desafios em praticá-lo em nosso tempo?

Roberto Romano – Para o caso, cito o verbete “igualdade”, da Encyclopédie coordenada por Denis Diderot, escrito por Jaucourt²⁸, mas revisado por Diderot. O verbete define a noção mesma de igualdade abstrata: “uma semelhança de quantidade descoberta pela operação do intelecto. Assim, quando o entendimento mede o mais e o menos de dois objetos, acha que a mesma ideia que lhe fornece o mais ou o menos de um, ou seja, os graus de sua quantidade, lhe manifesta também o mais e o menos, ou seja, a quantidade do outro. Tal conformidade de ideias das quais o intelecto se utiliza para medi-las faz conceder a esses dois objetos o nome de iguais. Mas não se deve confundir a relação de igualdade com a semelhança e a proporção”. Note-se que o ponto de partida, aqui, é o mais abstrato possível, o mais geral e indeterminado. A seguir, o verbete anota o conceito de igualdade na astronomia, na geometria, na proporção da igualdade ordenada (ex oequo ordinata), na álgebra, até chegar ao ponto explosivo do tema, a questão da igualdade natural, no Direito. Ou seja, a reflexão vai do mais abstrato (a quantidade) para o concreto humano, a vida social, jurídica, econômica, etc. Note-se que o procedimento é o exato contrário do que denuncia Edmund Burke, que enxerga nas Luzes e na Revolução Francesa o triunfo do puramente quantitativo. A má-fé do conservadorismo burkeano salta à vista. Assim, eu diria que os maiores desafios é bem aplicar a medida, algo prudencial por excelência. Há um estudo muito útil, que aborda os problemas da medida e que pode servir para pensar a questão da igualdade para além do puramente

28 Chevalier Louis de Jaucourt (1704-1779): foi um erudito francês e um dos mais prolíficos contribuidores para a Encyclopédie. Escreveu por volta de 18 mil artigos sobre assuntos envolvendo fisiologia, química, botânica, patologia, e história política, ou cerca de 25% de toda a enciclopédia, tudo feito voluntariamente. Nas gerações após a Encyclopédie's, principalmente por sua ascendência aristocrática, seu legado foi largamente ocultado por filósofos tais como Denis Diderot, Jean-Jacques Rousseau e outros, mas na metade do século XX acadêmicos voltaram a prestar atenção à sua contribuição. (Nota da IHU On-Line)

quantitativo. (Jean Claude Beaune: La Mesure, instruments et Philosophies, Seyssel, Ed. Champ Vallon, 1994).

O pensamento de Hegel²⁹ ajuda muito, sobretudo na Grande Lógica, a pensar os problemas da medida na ordem física e humana. Mas no meu modesto parecer, Karl Marx³⁰ determinou muito bem o problema da medida e da igualdade no modelo de texto analítico que é a Crítica do Programa de Gotha³¹. Perdoem a longa citação, necessária para bem situar o ponto de vista marxista, esquecida pelos defensores do materialismo histórico e dialé-

29 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261> e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da IHU On-Line)

30 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. (Nota da IHU On-Line)

31 *Crítica ao Programa de Gotha (em alemão, Kritik des Gothaer Programms)*: é um documento baseado numa carta de Karl Marx, escrita, no início de 1875, para o grupo da social-democracia alemã em Eisenach, com quem Marx e Friedrich Engels eram próximos. Oferecendo talvez um dos pronunciamentos mais detalhados de Marx sobre assuntos revolucionários, em termos de programação e estratégia, o documento discute a revolução socialista, a “ditadura do proletariado” - o período de transição do capitalismo para o comunismo; o internacionalismo proletário e o partido da classe operária. (Nota da IHU On-Line)

tico posterior. Não por acaso, a Crítica do Programa de Gotha foi engavetada por Engels³² e pela social democracia, por bom tempo e por razões óbvias. Atacando a noção de Lassalle³³ sobre o “direito igual”, Marx apresenta as luminosas observações seguintes:

“O direito igual é aqui, portanto, sempre ainda – segundo os princípios – o direito burguês, se bem que princípio e prática já não se andem a puxar os cabelos, enquanto a troca de equivalentes na troca de mercadorias só existe em média e não para o caso individual. Apesar deste progresso, este igual direito está ainda constantemente carregado com uma limitação burguesa. O direito dos produtores é proporcional ao seu fornecimento de trabalho; a igualdade consiste em que ele é medido por uma escala igual: o trabalho. Mas um [indivíduo] é física ou espiritualmente superior a outro; fornece, portanto, mais trabalho no mesmo tempo ou pode trabalhar durante mais tempo; e o trabalho, para servir de medida, tem que ser determinado segundo a extensão ou a intensidade, senão cessaria de ser escala [de medida]. Este igual direito é direito desigual para trabalho desigual. Não reconhece nenhuma diferença de classes, porque cada um é apenas tão trabalhador como o outro; mas reconhece tacitamente o desigual dom individual – e, portanto, [a desigual] capacidade de rendimento dos trabalhadores como privilégios naturais. E, portanto, um direito da desigualdade, pelo seu conteúdo, como todo o direito. O direito, pela sua natureza, só pode consistir na aplicação de uma escala igual; mas os

32 Friedrich Engels (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto Comunista* e *O Capital*. Grande companheiro intelectual de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da IHU On-Line)

33 Ferdinand Lassalle (1825-1864): considerado um precursor da social-democracia alemã. Foi contemporâneo de Karl Marx, com quem esteve junto durante a Revolução Prussiana de 1848. Combativo e ativo propagandista dos ideais democráticos. Proferiu conferência em 1863, que serviu de base para um livro importante para o estudo do direito constitucional (editado e traduzido para o português com nome “A Essência da Constituição”). (Nota da IHU On-Line)

indivíduos desiguais (e não seriam indivíduos diversos se não fossem desiguais) só são medíveis por uma escala igual, desde que sejam colocados sob um ponto de vista igual, desde que sejam apreendidos apenas por um lado determinado, por exemplo, no caso presente, desde que sejam considerados como trabalhadores apenas e que se não veja neles nada mais, desde que se abstraia de tudo o resto. Além disso: um trabalhador é casado, o outro não; um tem mais filhos do que o outro, etc. Com um rendimento de trabalho igual – e, portanto, com uma participação igual no fundo social de consumo – um recebe, pois, de fato, mais do que o outro, um é mais rico do que o outro, etc. Para evitar todos estes inconvenientes, o direito, em vez de igual, teria antes de ser desigual”.

Mente lúcida, digna das maiores genialidades humanas, Marx toma o problema no seu ponto lógico e ontológico mais agudo: definir a igualdade, segundo padrões abstratos (como é o caso do direito burguês) significa cair na armadilha da classe dominante. Assim, exigir “igualdade” sem questionar suas bases é limitar de forma grave o escopo de libertação humana no mundo do mercado, lugar da igualização abstrata de tudo e de todos. Estranho modo de pensar para um pensador dito “coletivista”! Quase sempre se “esquece” que Marx valoriza o indivíduo acima de tudo e que, justamente, o pior aspecto da sociedade mercadológica que reduz os corpos humanos à força igual de trabalho é o fato de que nela somem as individualidades. João não é mais João, mas simples operador mecânico a serviço do capital, integrado à força de trabalho, mercadoria a ser negociada segundo os princípios da igualdade quantitativamente considerada.

Outro elemento estratégico na Crítica do Programa de Gotha é a questão do trabalho, suposta fonte de toda riqueza. Marx evidencia que a fonte de toda riqueza é o mundo natural, apropriado sem cerimônias pelo capitalista. Num instante em que a natureza é esgotada pelo capitalismo sem peias, tanto no plano alimentar (a Monsanto e derivados têm muito a admitir no crime de lesa-natureza) quanto no vestuário (a quantidade de tecidos tóxicos é inacreditável) e em

todos os sentidos (as advertências de Hans Jonas³⁴ apresentam terrível atualidade), a exploração do trabalho humano acrescenta, ao crime dos que buscam lucro, uma crueldade super-humana. Igualdade, portanto, é problema que exige muita cautela. O estudo mais profundo que conheço sobre o tema das individualidades em Marx, sublinho minha fraqueza, a qual pode ser corrigida, é o de Michel Henry³⁵, Marx (Paris, Gallimard, 1976).

IHU On-Line – É possível pensar que dos ideais da Revolução Francesa restou apenas o conceito de liberdade? Por que a igualdade e a fraternidade caíram por terra?

Roberto Romano – Christopher Hill³⁶, em momento lúcido de suas pesquisas, faz a seguinte pergunta: “liberdade para quem e para fazer o quê?”. Ele recorda as alfinetadas de Marx sobre o inglês que defende seu direito de chicotear seu criado, em nome da liberdade. Sendo a flor do sistema democrático, a liberdade exige as duas outras palavras da Revolução, a igualdade e a fraternidade como sua raiz e caule. Mas como ela não está unida imediatamente à posse da natureza e das coisas artificiais, não foi tragada pela voragem conservadora que imperou no mundo após o Termidor. O neoliberalismo julga ser possível a liberdade sem os seus correlatos. E o resultado é a catástrofe vivida pela humanidade em nossos tempos. Acrescento outro elemento, muito defendido pelas Luzes e na Revolução Francesa e também norte-

-americana: o direito à felicidade. Num mundo desgraçado onde reina o frio lucro e onde o genocídio é constante, parece tolice defender o direito à felicidade. Se escutarmos Spinoza³⁷, o mundo político onde reina a infelicidade, longe de ser uma Civitas, é um hospício de loucos.

IHU On-Line – A que constatações chegamos ao analisar a liberdade hoje convertida em sinônimo de liberdade econômica?

Roberto Romano – Prejudicada, visto as respostas anteriores. Em que medida é possível conciliar a igualdade com a diversidade que caracteriza a pós-modernidade? Será mesmo que a pós-modernidade se caracteriza pela diversidade? Que outra coisa seria, senão igualdade ensandecida, a violência testemunhada nas redes da internet como o Facebook? Tenho muitas dúvidas acerca de algumas ideias sobre a pós-modernidade.

IHU On-Line – Nietzsche criticava a democracia liberal do século XIX porque, em seu ponto de vista, esta promovia um nivelamento por baixo e uma mediocrização da política. Para ele, tal concepção igualitária provinha da “sistematização” do cristianismo por Paulo de Tarso. Qual é a pertinência dessa análise para examinarmos a democracia em nosso tempo?

Roberto Romano – Tentei encaminhar o ponto na primeira resposta. Creio que uma questão assim seria mais adequadamente respondida pelo meu colega e amigo, Oswaldo Giacoia³⁸. Quanto a mim, desconfio

34 Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnológico. A sua obra principal intitulada *O princípio de responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). Confirma a edição 371 da revista IHU On-Line, de 29-08-2011, intitulada *Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon371>. (Nota da IHU On-Line)

35 Michel Henry (1922-2002): filósofo e escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

36 John Edward Christopher Hill (1912-2003): foi um historiador marxista britânico. Sua produção está ligada a um grupo de historiadores marxistas ingleses dos quais se destacam Eric Hobsbawm e Edward Palmer Thompson. A maior parte de sua pesquisa concentra-se na compreensão da Revolução Inglesa, ocorrida no século XVII. (Nota da IHU On-Line)

37 Baruch Spinoza (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confirma a edição 397 da IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/RPZqOi>. (Nota da IHU On-Line)

38 Oswaldo Giacoia Junior: filósofo brasileiro, professor na Unicamp. Confirma algumas entrevistas concedidas ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU: *Sobre técnica e humanismo*. Edição nº 20, Cadernos IHU ideias, de 21-07-2004, disponível em <http://migre.me/65uYP>; *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*. Edição nº 330, revista IHU On-Line, de 24-05-2010, dispo-

que tanto Marx quanto Freud³⁹ e Nietzsche⁴⁰ não aceitavam o princípio da

nível em <http://bit.ly/a20L4m>; *Superar a condição humana, uma fantasia antiga*. Edição nº 344, revista IHU On-Line, de 21-09-2010, disponível em <http://migre.me/62jRT>; *Perfil*. Edição nº 345, revista IHU On-Line, de 27-09-2010, disponível em <http://migre.me/62jTC>; *Independência do pensamento: prerrogativa máxima da filosofia*. Edição nº 379, revista IHU On-Line, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/vv9gH4>. (Nota da IHU On-Line)

39 **Sigmund Freud (1856-1939)**: neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

40 **Friedrich Nietzsche (1844-1900)**: filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HU7xwP>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na *Université Catholique de Louvain*, intitulada "Nietzsche e Paulo", disponível para download em <http://bit.ly/dyA7sR>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche* e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode*

igualização quantitativa, que reduz o mundo humano ao seu aspecto abstrato. Quando Nietzsche diz que as palavras, no mundo moderno, se reduziram a moedas gastas, sem valor, imagino que ele alertava tanto para o desgaste semântico quanto para o fato de que o dinheiro vira o padrão básico de uma sociedade vulgar. Lembremos a invectiva, em *Assim Falava Zaratustra*, contra o Estado e seus operadores:

"Cada povo tem seu idioma do bem e do mal e o povo vizinho não o entende. Mas o Estado sabe mentir em todas as línguas do bem e do mal e, em tudo o que ele diz, mente e tudo o que possui, roubou. Tudo nele é falso; ele morde com dentes falsos, até suas entranhas são falsas. (...) O Estado é o lugar onde todos estão intoxicados, bons e maus, onde todos se dissolvem (...) onde o lento suicídio de todos é chamado 'vida'. (...) Vede estes supérfluos: eles adquirem riquezas e apenas se tornam mais pobres. Eles querem o poder (Macht) e, antes, a alavanca do poder, muito dinheiro – esses impotentes! Vede como eles sobem, estes macacos ágeis. Eles sobem uns sobre os outros e se fazem mutuamente cair na lama e no abismo. Todos querem ganhar o trono. Com frequência é a lama que está sobre o trono, e não raro o trono está plantado na lama. Todos loucos... seu ídolo fede, este monstro frio; eles também fedem, os idólatras..."

IHU On-Line – Por que a obra de Thomas Piketty está provocando tanto alvoroço?

Roberto Romano – Ela vem após o vagalhão neoliberal que varreu o mundo depois da Segunda Guerra e, sobretudo, após o predomínio imperial dos Estados Unidos. Aquela po-

ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença - **Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

tência enviou aos países dominados, para golpear a democracia, dois exércitos: o dos truculentos armados e o dos truculentos armados de planilhas, os economistas deformados na escola de Chicago. O autor leva a uma visão nova do mundo capitalista, sem a voracidade dos que defendem apenas e tão somente interesses privados. Ele não é contra o capitalismo, mas apresenta defeitos gravíssimos do sistema. Vale por tal motivo.

Leia mais...

- *Roberto Romano, uma vida atravessada pela história*. Perfil de Roberto Romano publicado na **IHU On-Line**, edição 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/1jie8fo>;
- *A gênese golpista da Constituição*. Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 428, de 30-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1qw6LpZ>;
- *"Somos absolutistas anacrônicos. Vivemos sempre sob o regime do favor, dos privilégios, da não república"*. Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 398, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/1dDYNEv>;
- *Filosofia não é, necessariamente, sistema*. Entrevista com o professor Roberto Romano à IHU On-Line, edição 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/v0Ujxe>;
- *Niilismo e mercadejo ético brasileiro*. Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/e6WHhp>;
- *De ditadores a imperadores com pés de barro*. Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 269, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/19tKNtU>;
- *O governo do Brasil retoma a ética conservadora e contrária à democracia, o que exige da Igreja o papel vicário*. Entrevista com o professor Roberto Romano publicada nas **Notícias do Dia**, de 14-01-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1furl4Y>.